Parte I - Perspectivas a partir do Campo
**Capítulo 2 - Dinâmica Territorial e Mobilidade Espacial entre os
Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul**

Rosa Sebastiana Colman
Marta Maria do Amaral Azevedo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COLMAN, R.S., and AZEVEDO, M.M.A. Dinâmica Territorial e Mobilidade Espacial entre os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul. In: SANTOS, R.V., GUIMARÃES, B.N., CAMPOS, M.B., and AZEVEDO, M.M.A., comps. *Entre Demografia e Antropologia: povos indígenas no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2019, pp. 55-73. Saúde dos povos Indígenas collection. ISBN: 978-65-5708-013-9. <https://doi.org/10.7476/9786557080139.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Rosa Sebastiana Colman
Marta Maria do Amaral Azevedo

Este capítulo busca compreender as dinâmicas populacionais dos Guarani e Kaiowá em sua relação com o território, tratando dos deslocamentos realizados por indivíduos e suas famílias. As informações utilizadas foram obtidas a partir do Projeto Ojeguata Porã, que buscou captar as trajetórias pessoais nos fenômenos migratórios indígenas com uso de uma metodologia participativa, em que os próprios objetos da pesquisa eram sujeitos de sua realização, colaborando com adaptação e refinamento das questões e desenvolvendo a metodologia de coleta de dados. A qualificação dos fluxos populacionais dos Guarani e Kaiowá busca contribuir para o maior conhecimento demográfico sobre a complexa relação dos indígenas com o espaço.

A territorialidade guarani apresenta uma extensa área que inclui parte de quatro países latino-americanos: Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia, com uma população de mais de 280 mil pessoas, distribuídas em 1.416 comunidades, aldeias, bairros urbanos ou famílias, segundo dados do último Caderno Mapa Guarani Continental (EMGC, 2016). Os Guarani estão unidos por uma língua e uma cultura comuns e são um dos povos indígenas com maior presença territorial nas Américas. Eles mantêm uma comunicação entre si que demonstra a grande capacidade de vários povos Guarani para permanecerem Guarani, articulando suas demandas pelo reconhecimento de suas terras e sua autonomia como povos que vivem em países diferentes, mas unidos por laços de língua, visão de mundo, história e cultura.

A reconstrução simbólica de seu território, a partir de conhecimentos e práticas específicas, lhes permite expandir sua capacidade de compreensão de um mundo em transformação e encontrar e desenvolver novas perspectivas e práticas de atuação. Eles não são apenas testemunhas de tempos passados, mas protagonistas do presente e construtores do futuro. Seus caminhos de liberdade convidam a nos envolvermos em um movimento que não é exclusivamente deles, mas também de todos aqueles que não estão satisfeitos com o modelo econômico predatório que ameaça a terra e destrói a coexistência de tudo o que é humano com a natureza.

As ameaças para o futuro afetam os Guarani em decorrência da destruição ambiental maciça e da exclusão social e econômica generalizada. Fortalecendo os

Guarani em sua luta por um espaço de vida e na defesa de seus direitos, estaremos fortalecendo *nostra casa comum* e nosso próprio futuro.

As reflexões que trazemos aqui são baseadas no conceito de território, elaborado por Benites (2014), a partir do relato de um Xamã de que a terra está sempre se expandindo:

A visão kaiowá e guarani sobre o mundo é produzida a partir da lógica espiritual tradicional. Quando afirmam que a terra está sempre se expandindo, estão se referindo à própria mobilidade tradicional (...) *oguata* (andar, caminhar, mover), que são maneiras de ocupar o espaço, de forma a não produzir fixação no mesmo lugar, condição dada pelo próprio deus. O surgimento da terra, pelo canto e a dança do *Ñanderu*, demonstra aos Kaiowá e Guarani a maneira própria de ocupação territorial. (Benites, 2014: 35)

A cosmologia guarani revela o modo de ser caminhante e sua mitologia é repleta desta indicação, como bem ilustra o mito das origens – ou mito do sol e da lua – em que os fatos da narrativa ocorrem durante uma longa caminhada.

Essa cosmologia também se revela na espiritualidade, como nas rezas: “Os cantos são meios para visualizar o caminho iluminado (*tape rendy*) que leva à morada dos deuses para adquirir conhecimento na condução do seu povo”; na gestação, “o corpo da mulher é como caminho por onde o ser passa do mundo espiritual para o mundo físico” (Benites, 2014: 35, 64). Brand (1997), em sua tese, também se refere aos caminhos percorridos pelos Guarani, como indicado no próprio título: *O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra*.

O território, para os Guarani e Kaiowá, se caracteriza como espaço de comunicação, no qual a possibilidade do *oguata*, que quer dizer “caminhar”, na língua guarani, é dimensão fundamental. Há inúmeros tipos de caminhadas ou formas de mobilidade espacial: para buscar atividades produtivas, como coleta de ervas e produtos específicos de um determinado lugar; para participar de atividades rituais, geralmente realizadas por muitas aldeias em conjunto. *Oguata* pode se traduzir, também, na visita a um parente, que pode durar semanas ou até anos; ou em uma “caminhada” em busca de trabalho e de novas experiências e conhecimento, característica dos deslocamentos dos jovens. O caminhar faz parte do universo cultural desses povos (Melià, 1989; Pissolato, 2007; Pereira, 2007).

Deslocamentos espaciais dos povos indígenas na América Latina

Os estudos da demografia na América Latina baseiam-se no livro *Migraciones Indígenas en las Américas*, do Instituto Interamericano de Derechos Humanos

(IIDH, 2007). Essa publicação é considerada um subsídio importante para o conhecimento e análise das migrações indígenas. É produto de um evento realizado em 2006, com especialistas de várias temáticas e provenientes de diferentes países, e teve como principal objetivo reunir elementos que permitam melhorar as ações de proteção das pessoas que se deslocam na nossa região em busca de melhores condições de vida para elas e suas famílias. Este material visa a colaborar também no fortalecimento de políticas públicas que “promovam o desenvolvimento econômico e social destes povos, evitando desta maneira o deslocamento de muitas pessoas indígenas com as graves consequências que provocam seu desenraizamento das comunidades e a nível nacional” (IIDH, 2007: 8).

No contexto que vivenciamos na América Latina durante as últimas duas décadas do século XX, a partir da consolidação das economias de mercado e das profundas transformações estruturais dos Estados, observa-se que as terras indígenas são afetadas pelo crescente avanço de projetos de desenvolvimento, como represas, grandes vias, pontes, extração mineral, exploração madeireira de grande escala e extração de petróleo, entre outros, que produziram invasões e despejos (Del Popolo & Ribotta, 2011). Relacionado a esse fato, constata-se ainda que a deterioração ambiental de suas terras, a pobreza, a falta de água e a pressão demográfica constituem os diversos fatores que estão provocando deslocamentos espaciais.

Nas últimas décadas, ocorre uma mudança significativa no que diz respeito à dinâmica populacional indígena e surge a crescente urbanização da população como um dos fatores mais importantes dos deslocamentos espaciais (Echeverri, 2012). No entanto, mesmo nas cidades, os Kaiowá e Guaraní mantêm as redes de conexão com suas comunidades de origem e com sua família extensa. Mas a situação dos índios urbanos é um fenômeno novo e precisa de maiores estudos.

Em geral parte-se do pressuposto de que os povos indígenas, inclusive os jovens, “são eminentemente rurais, ideia associada à residência em territórios ancestrais. Assim mesmo, a crescente urbanização e as migrações campo-cidade também os alcançaram” (Del Popolo & Ribotta, 2011: 109). Segundo os autores, os Censos de 2000 revelaram que, “na região, por volta de 44% dos jovens indígenas residem em zona urbana, situação que chega a cerca de 80% no caso dos não indígenas do mesmo grupo etário (15 a 29 anos)”. A presença significativa dos jovens já dá um indicativo para o motivo de eles migrarem para os centros urbanos.

No que diz respeito às razões da migração dos jovens, Del Popolo e Ribotta (2011) destacam a pobreza e a necessidade de buscar trabalho: “A pobreza nos territórios indígenas aparece como um dos principais fatores estruturais que causam a migração”. Para os autores, é forte a necessidade de migrar “para buscar emprego para a subsistência familiar”. Assim, “mesmo quando acessam às mais baixas remunerações, produto das menores oportunidades de emprego qualificado associado a uma baixa escolaridade”, os autores avaliam que “a migração constitui

uma importante estratégia para a sobrevivência dos povos indígenas” (Del Popolo & Ribotta, 2011: 113).

Com relação a este aspecto de sobrevivência dos povos indígenas, destacamos a fuga de conflitos nas reservas superpopulosas. Como exemplo, podemos citar Jarara e Takuara, que são terras indígenas (TIs) retomadas recentemente e que foram formadas por grupos familiares oriundos da reserva de Te'yikue, Caarapó, Mato Grosso do Sul (Colman, 2015).

Estanislau (2014) apresentou um panorama da migração indígena no Brasil a partir de construção de matrizes migratórias, utilizando-se dos microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. O Norte apresenta “um grande fluxo intrarregional com 18.551 não naturais que se deslocaram para essa mesma região, tendo como segundo maior destino, em 2000, a região Sudeste seguida da Centro-Oeste” (Estanislau, 2014: 51).

Em 2010, o Centro-Oeste se apresenta como principal destino fora da região Norte, com 2.795 pessoas, seguido pelo Sudeste. Os emigrantes originários da região Norte passam, de 2000 para 2010, de 26.813 para 30.097 pessoas, sendo que o maior número de pessoas que imigraram para a região Norte veio do Nordeste, seguido, em 2000, da região Sudeste e, em 2010, da Centro-Oeste (Estanislau, 2014).

Ainda segundo Estanislau, a maior parte dos movimentos migratórios indígenas na região Nordeste também acontece dentro da própria grande região, tendo como maior região de destino e de origem a Sudeste, nos anos de 2000 e 2010. A autora conclui “que existe um fluxo migratório entre Sudeste e Nordeste; e é possível dizer que provavelmente houve uma migração de retorno para o Nordeste na última década” (Estanislau, 2014: 36).

A região Sul chama atenção porque apresenta o maior número de movimentos migratórios dentro da mesma região, tendo como segundo maior destino o Sudeste em 2000 e 2010. “Dentre as pessoas que imigraram para a região Sul, 2.511 vieram do Sudeste em 2000 e 1.436 em 2010, sendo essa a região de origem com maior número de imigrantes no Sul” (Estanislau, 2014: 36). Para a autora,

O Centro-Oeste foi a única região em que houve um aumento de emigrantes, de 21.530 pessoas em 2000 para 22.609 em 2010. Em termos de imigrantes houve uma redução, de 29.554 em 2000 para 27.435 em 2010. Tanto em 2000 quanto em 2010, seu maior número de imigrantes é proveniente da própria, seguido da Nordeste. Em termos de destino, os emigrantes da região Centro-Oeste preferiram a própria região, seguida da região Sudeste. (Estanislau, 2014: 36)

No documento do IV Fórum Permanente para as questões indígenas da ONU, afirma-se que os povos indígenas reivindicam o direito de migrar e de não migrar:

Reafirmamos a tradição ancestral dos povos indígenas de seu exercício de direito à livre mobilidade e seu reconhecimento na atualidade, e também seu direito a permanecer em seus territórios tradicionais e a não serem deslocados como resultado de uma imposição política econômica, conflitos armados e outros fenômenos que lesionam os direitos humanos coletivos e individuais. (EMGC: 8 – tradução livre das autoras)

Entre os Kaiowá e Guarani, o Estado tentou impor a imobilidade espacial da reserva, mas eles sempre encontram formas de sair em busca de novas alternativas, como têm sido as retomadas de áreas consideradas tradicionais pelos Kaiowá e Guarani (Brand, 1997; Colman, 2007) ou mesmo a opção por viver em áreas urbanas. Desta forma, o processo de confinamento não se conclui.

Projeto Ojeguata Porã

A realização do Projeto Ojeguata Porã sobre mobilidade espacial Guarani e Kaiowá se deu na TI Te'yikue, localizada no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul. Implementado em 2008 e 2009, pretendia compreender melhor a mobilidade espacial dos Guarani nas regiões fronteiriças entre Paraguai, Argentina e Brasil (nos estados do RS, SC, PR e MS). Além disso, buscou aprimorar os dados disponíveis sobre demografia guarani. O projeto também tinha como objetivo construir uma tipologia de deslocamentos espaciais, incluindo aspectos temporais e intergeracionais, e constituir um banco de dados inicial sobre população que fosse de utilidade para pesquisadores, em geral, e para as comunidades guarani e kaiowá, especificamente (Colman *et al.*, 2010). Esta pesquisa-piloto participativa foi implementada no âmbito do Projeto de Apoio ao Fortalecimento das Políticas Públicas entre os Guarani na Região Transfronteiriça: Brasil, Paraguai e Argentina, e foi realizada por professores e pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/ Universidade Católica Dom Bosco e do Núcleo de Estudos de População/ Universidade Estadual de Campinas (Nepo/Unicamp), professores e lideranças guarani e kaiowá da Escola Ñandejára Polo da TI Caarapó (Colman *et al.*, 2010).

É necessário conhecer os dados sobre população e compreender suas trajetórias migratórias, pois estes aspectos são primordiais para implementação das políticas públicas de saúde, educação, alternativas econômicas, entre outras (Colman *et al.*, 2010). É cada vez mais importante, e é demanda claramente formulada, que a própria população indígena, em especial as suas lideranças, professores e agentes de saúde, “conheça e saiba manejar essas informações, condição para melhor fiscalizarem e participarem na implementação e controle social das políticas públicas a eles destinadas” (Colman *et al.*, 2010: 4).

Os princípios que orientam essas iniciativas são “investigar e, ao mesmo tempo, com os resultados concretos que vão sendo gerados, incorporar outras e novas questões a serem investigadas, sempre tendo como referência a participação do conjunto da comunidade” (Colman *et al.*, 2010: 4). Nesse sentido, “o processo de investigação constitui-se, também, em importante processo de tomada de posição da própria comunidade local frente aos problemas em questão” (Colman *et al.*, 2010: 4).

Metodologia do Projeto Ojeguata Porã

O projeto se desenvolveu a partir de várias reuniões e oficinas em que o tema foi discutido com professores, coordenadores e lideranças indígenas de Caarapó, no segundo semestre de 2008. “Na primeira oficina, o tema genérico ‘mobilidade espacial’ foi recortado para pensar no questionário e nas preocupações mais diretas da comunidade local” (Colman *et al.*, 2010: 4).

O fato de conhecer outras experiências e a construção coletiva do instrumento de pesquisa – o questionário – foi importante, pois permitiu errar menos. “Partimos de alguns questionários já elaborados no âmbito de outras pesquisas participativas, incluindo questionários sobre pesquisas de trajetórias migratórias. Dessa forma, foi-se constituindo um questionário próprio para essa investigação” (Colman *et al.*, 2010: 4).

Ao longo do processo, as pessoas foram sendo motivadas e envolvidas no projeto, como se pode perceber no detalhamento dos autores:

Após essa primeira oficina, os professores e lideranças locais conversaram e animaram alunos indígenas do Ensino Médio a participarem como pesquisadores deste trabalho. Foram realizados alguns ajustes no questionário e discutida a possibilidade de as entrevistas abrangerem todos os domicílios da Terra Indígena ou restringirem-se a uma amostragem. Nessa fase do trabalho, sabíamos que seria muito difícil conseguirmos visitar os cerca de 1.000 domicílios/casas existentes no âmbito de toda a Terra Indígena de Caarapó. (Colman *et al.*, 2010: 4)

É interessante, na descrição apresentada, a maneira como foi construída a metodologia participativa, de conversa em conversa, do jeito dos Guarani. Dessa forma também se deu o envolvimento gradativo dos pesquisadores com o projeto. Uma segunda oficina, em março de 2009, permitiu a realização de pré-testes por parte de cada entrevistador, visitando pelo menos um domicílio.

Na etapa do pré-teste, foi formada uma pequena equipe responsável pela revisão e correção dos questionários, cuidados durante o trabalho de campo e coordenação do recebimento das fichas respondidas, acompanhando o número de casas/domicílios cobertos por região. Nessa etapa, foram realizados muitos ajustes e decidiu-se que as entrevistas seriam feitas por amostragem de domicílios, tentando cobrir pelo menos 40% das casas/domicílios de cada região da TI. Foi importante,

ainda, discutir os principais conceitos presentes na pesquisa de domicílio, família, entre outros, escritos e acordados entre todos.

A ampla participação indígena deve ser entendida como um dos resultados mais importantes, embora não previsto inicialmente no projeto, pois mudanças nas políticas públicas relacionadas aos povos indígenas dependem, fundamentalmente, do seu protagonismo. Esse comprometimento dos pesquisadores indígenas é um dos fatores que remetem para a continuidade do trabalho, em especial a sua extensão a outras aldeias. Os jovens que participaram, diretamente, do trabalho mostraram grande interesse e entusiasmo pela realização da pesquisa.

Outra discussão foi sobre o tempo de permanência nos locais de trajetórias, para que um deslocamento fosse considerado. Os Kaiowá e Guarani de Te'ýikue decidiram que deveria ser a partir de três meses. A permanência exclusivamente para trabalho foi contemplada numa outra pergunta com menor tempo de estadia. Este dado, infelizmente, ainda não pôde ser tabulado.

Definimos também que o idioma do questionário seria o português, e alguns termos seriam mantidos em guarani e em português. Conversamos muito a respeito dos termos, como, por exemplo, *avó*, que, em guarani, teria de ser traduzido ora como “mãe do pai”, ora como “mãe da mãe”.

Outra decisão foi com relação ao conceito de domicílio. Como as casas de uma família são dispersas, às vezes, num mesmo conjunto, estão localizadas a casa do filho solteiro e a cozinha da família.

Durante a aplicação dos questionários ou a realização das entrevistas foi importante a revisão, em campo, das informações. Dessa forma, muitas respostas que apresentavam imprecisões foram esclarecidas. Em relação à metodologia, percebeu-se que os mais velhos preferem falar de assuntos de seu interesse. Assim, alguns entrevistadores deixavam os mais velhos falarem bastante primeiro, e depois iniciavam as perguntas do questionário. Como relata Alex Junior: “alguns contavam tanta história que demorava muito, a pessoa contava tudo primeiro, depois é que se iniciavam as perguntas” (Colman *et al.*, 2010: 21). Ouvir antes e valorizá-los é uma das características próprias da pesquisa com indígenas, observada por Enoque Batista (2006: 140): “Não deixo também o entrevistado, depois de falar, sem incentivo. Sempre comento da história, do mito ou do conto, que são assuntos que ele gosta. Tudo que ele conta considero muito importante. Assim eles se sentem bem”. Em contrapartida, alguns entrevistados “só respondiam ao que se perguntava”, como Alex Junior também observou (Colman *et al.*, 2010: 21).

Na realização da pesquisa, a amostragem significou 34,12% dos domicílios de Caaparó. Do total de 1.140 unidades, foram entrevistadas 401, mas, apenas 389 entrevistas foram tabuladas e puderam ser utilizadas.

Dos 389 entrevistados, 102 (26,22%) moram em Ñandejára, uma das regiões mais populosas localizada na região central, que concentra os serviços,

como escola de ensino fundamental e ensino médio, posto de saúde e centro de referência da assistência social. É também a área em que reside a maior parte dos entrevistados.

No início do levantamento, havia sido proposto realizar a entrevista em 40% dos domicílios de cada região. Na região de Mbopiy, foram entrevistadas todas as unidades e, na região de Yvu, apenas 6,4%. Em termos gerais, foram atingidos 34,12% dos domicílios. As desproporções ocorreram por dificuldades de acesso, decorrentes da grande distância entre a moradia do entrevistador e as dos entrevistados. Havia também a preferência por entrevistar os próprios parentes e vizinhos.

Com relação ao perfil dos entrevistados, a maior parte nasceu em Caarapó. Dos 389 entrevistados, 268 nasceram em Te'ýikue (Caarapó), e 264 são mulheres e 125 homens, indicando que as mulheres são, na maior parte, as responsáveis pelos domicílios e estavam presentes no momento da entrevista. A maioria dos entrevistados são Kaiowá, 92,54%; os Guaraní correspondem a apenas 7,46%. Sobre o estado civil dos entrevistados: 80,98% são casados, 11,57% viúvos ou separados e 7,46% solteiros. Foi usado como critério entrevistar preferencialmente pessoas casadas para otimizar a entrevista e obter informações também do cônjuge e sogros. Em relação à faixa etária, verificamos que a maioria dos entrevistados era jovem: 170 entre 14 e 30 anos, 171 entre 31 e 60 anos, apenas 45 tinham 61 anos ou mais.

Dos 389 entrevistados, 56,04% apresentaram alguma trajetória migratória, e 43,96% não apresentaram nenhuma trajetória.

A partir de meados do século XX, principalmente nos anos 1960 e 1970, os Guaraní começavam a enfrentar o fenômeno da grande concentração populacional nas reservas/terras indígenas, o que forçava essa população a uma mudança de estilo de vida: a progressiva substituição da sobrevivência por meio da caça, roça, pesca e coleta pelo trabalho assalariado fora da aldeia, obrigando esses grupos a se deslocarem, como está bem demonstrado na Tabela 1.

Observamos que, na trajetória 1, 14 deslocamentos ocorreram por razões familiares, como para estar perto da família ou reunir os parentes.

No levantamento realizado surgiu, como principal motivo de deslocamento, a moradia, desafiando-nos para um aprofundamento dessa questão, em pesquisas mais qualitativas. A Tabela 2 indica uma das especificidades das trajetórias dos Kaiowá e Guaraní de Te'ýikue, que é a mobilidade espacial familiar, mostrando que a maior parte dos entrevistados se move em grupo.

Tabela 1 – Motivos das trajetórias dos entrevistados

Motivos	Trajetórias						
	1	2	3	4	5	6	7 a 14
Questões familiares	14	9	4	10	7	3	5
Separação	3	2	2	2	2	2	2
Casamento	7	3	5	2	1	1	2
Conflito interno	1	1	1	2	1	1	-
Morar	90	80	38	19	9	11	7
Estudar	5	4	1	-	1	4	3
Questões de terra/expulsões e retomadas	4	3	2	-	3	1	-
Falecimento	2	2	-	3	-	-	-
Benefícios	2	-	1	-	-	-	-
Passeio/visita	30	9	5	-	-	-	1
Trabalhar	53	49	35	24	18	8	19
Tratamento de saúde	1	-	1	2	-	-	-
Total	212	162	95	64	42	31	39

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Tabela 2 – Acompanhantes durante as trajetórias dos entrevistados

Acompanhantes	Trajetórias						
	1	2	3	4	5	6	7 a 14
Sozinho	35	39	31	23	8	4	12
Pais (mãe/pai)	41	32	14	8	3	-	1
Esposo(a)	16	22	12	4	9	6	6
Outros parentes (tios/avós)	5	5	3	-	1	1	-
Conhecidos/amigos	2	4	2	1	1	-	-
Irmão	24	2	2	-	1	1	-
Toda a família	32	43	26	22	12	16	22
Comunidade	4	-	-	-	-	-	-
Patrão	4	7	4	2	2	-	-
Filho(s)	1	6	1	2	3	1	-
Total	164	160	95	62	40	29	41

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Com relação ao tempo de permanência nos locais de destino, na Tabela 3 verificamos três padrões de temporalidade. Um é de curto tempo de permanência, que vai desde menos de um ano até dois anos, e compõe a maioria dos deslocamentos espaciais referidos pelos entrevistados na pesquisa de Caarapó. Outro padrão tem maior duração, mais de dez anos, e perfaz, também, um número expressivo de deslocamentos espaciais referidos: são deslocamentos feitos, majoritariamente, por motivo de moradia, mudança para outra região; enquanto, no padrão anterior, o motivo principal é o trabalho assalariado. O terceiro padrão é de média duração e vai de dois a dez anos: o motivo é tanto trabalho assalariado de maior tempo de duração, quanto visitas à família, passeios, casamento etc.

Tabela 3 – Tempo de permanência dos entrevistados

Tempo	Trajetórias						
	1	2	3	4	5	6	7 a 14
menos de 1 ano	20	27	23	8	8	5	12
de 1 a 2 anos	45	27	23	17	8	6	9
de 2 a 5 anos	31	23	7	10	8	8	-
de 5 a 10 anos	41	10	10	5	4	0	5
mais de 10 anos	34	-	5	5	4	2	2
Total	171	87	68	45	32	21	28

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

As Tabelas 4 e 5 informam o tipo de local de nascimento e as trajetórias dos entrevistados e dos cônjuges. Na Tabela 4, apresentamos dados sobre os entrevistados. O número máximo de trajetórias foi 14, sendo que os principais lugares visitados são as reservas, incluindo a reserva de Caarapó (Te’ýikue). Isto indica que os moradores vão para muitos lugares, mas voltam várias vezes para Caarapó, lugar de origem, já que a maior parte dos entrevistados é nascida nessa aldeia. Há um número expressivo de deslocamentos espaciais para aldeias antigas, que são as áreas de ocupação tradicional dos Guarani, o que caracteriza a situação de expulsão dos grupos dessas aldeias, destruídas e transformadas em fazendas.

Os deslocamentos espaciais para fazendas e cidades têm relação direta com um dos principais motivos de mobilidade espacial: a busca de trabalho. Dentre as reservas que aparecem com maior frequência, estão Amambai e Dourados e indicam o *tekoha guasu*,¹ do qual Te’ýikue (Caarapó) faz parte. Este *tekoha guasu* abrange também os Tekoha de Dourados e os Tekoha de Amambai.

Tabela 4 – Tipo de local de nascimento e trajetórias dos entrevistados

Tipos de local	Nasc.	Trajetórias						
		1	2	3	4	5	6	7 a 14
Reservas	332	122	118	54	34	19	17	22
Loc. tradicionais/atuais fazendas	21	16	2	5	4	3	3	2
Cidades	12	18	8	6	7	4	5	3
TIs recentes ou em demarcação	9	24	18	15	7	9	4	3
Paraguai	8	12	2	3	1	-	-	3
Fazendas	6	18	10	8	4	-	-	5
Outros estados (PR, RO, SP, AM, MT)	1	-	2	3	1	-	-	1
Usinas	-	-	2	1	-	-	1	-
Argentina/Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	389	210	162	95	58	35	30	39

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Na Tabela 5 constam as informações sobre o cônjuge do entrevistado. O número máximo de trajetórias foi 12. Os principais lugares visitados são também as reservas, em que se inclui a reserva de Caarapó (Te'ýikue). Isto indica a mesma situação de deslocamentos espaciais dos entrevistados e das entrevistadas.

Tabela 5 – Tipo de local de nascimento e trajetórias dos cônjuges dos entrevistados

Tipos de local	Nasc.	Trajetórias					
		1	2	3	4	5	6 a 12
Reservas	285	93	64	38	23	15	18
Loc. tradicionais/atuais fazendas	10	5	1	4	3	3	1
Cidades	15	6	7	3	6	1	2
TIs recentes ou em demarcação	11	22	15	6	3	2	2
Paraguai	6	10	4	4	1	-	4
Fazendas	7	13	7	2	-	2	2
Outros estados (PR, RO, SP, AM, MT)	3	2	1	2	-	-	-
Usinas	-	1	1	1	-	-	-
Argentina/Bolívia	-	-	-	-	-	-	-
Total	337	152	100	60	36	23	29

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

As Tabelas 6 e 7 apresentam informações de uma geração acima do entrevistado. A situação é semelhante, com as mesmas características dos entrevistados e cônjuges, principalmente com relação às reservas. A diferença constatada é a maior quantidade de locais de nascimento (27) e trajetórias (14) no Paraguai. Como é uma trajetória masculina, também a questão do trabalho nas fazendas é um motivo que aparece de forma expressiva (17).

Tabela 6 – Tipo de local de nascimento/falecimento e trajetórias dos pais dos entrevistados

Tipo de local	Nasc.	Falec.	Trajetórias					
			1	2	3	4	5	6 a 12
Reservas	265	135	89	57	31	16	12	15
Loc. tradicionais/atuais fazendas	14	7	9	13	1	-	2	2
Cidades	14	2	6	7	5	2	2	1
TIs recentes ou em demarcação	16	9	18	13	7	4	2	2
Paraguai	27	6	14	4	8	-	-	-
Fazendas	17	1	16	6	3	11	4	5
Outros estados (PR, RO, SP, AM, MT)	7	-	1	3	-	-	-	-
Usinas	-	-	-	-	1	1	-	-
Argentina/Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	360	160	153	103	55	34	22	25

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Com relação ao tipo de local de nascimento e trajetórias das mães dos entrevistados, chama atenção o grande número, também, de mulheres que nasceram no Paraguai e escolheram esse país como lugar de destino, além, é claro, das reservas, como mencionado anteriormente. Na Tabela 7, ocorrem nove trajetórias, quantidade que também chama atenção, sendo que uma pessoa foi para Argentina.

Tabela 7 – Tipo de local de nascimento/falecimento e trajetórias das mães dos entrevistados

Tipo de local	Nasc.	Falec.	Trajetórias					
			1	2	3	4	5	6 a 9
Reservas	274	98	106	72	32	19	12	18
Loc. tradicionais/atuais fazendas	24	3	11	9	5	2	-	2
Cidades	11	3	15	4	3	1	-	2
TIs recentes ou em demarcação	17	7	20	14	11	8	5	7
Paraguai	26	3	13	1	-	1	3	-
Fazendas	14	-	6	6	6	5	2	-
Outros estados (PR, RO, SP, AM, MT)	1	-	2	1	-	-	-	-

Tabela 7 – Tipo de local de nascimento/falecimento e trajetórias das mães dos entrevistados (cont.)

Tipo de local	Nasc.	Falec.	Trajetórias					
			1	2	3	4	5	6 a 9
Usinas	-	-	-	-	-	-	-	-
Argentina/Bolívia	-	-	1	-	-	-	-	-
Total	367	114	174	107	57	36	22	25

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

A Tabela 8 apresenta informações de duas gerações acima do entrevistado, isto é, seus avós maternos e paternos. Foram tabuladas informações sobre local de nascimento e falecimento. O dado novo é um caso de uma pessoa que nasceu na Bolívia. Também chama atenção o maior número de pessoas que nasceram no Paraguai.

Tabela 8 – Tipo de local de nascimento/falecimento dos avós dos entrevistados

Tipo de local	Avô materno		Avó materna		Avô paterno		Avó paterna	
	Nasc.	Falec.	Nasc.	Falec.	Nasc.	Falec.	Nasc.	Falec.
Reservas	191	167	208	165	185	162	184	141
Loc. tradicionais/atuais fazendas	9	6	15	1	11	8	8	9
Cidades	12	7	10	7	14	6	9	7
TIs recentes ou em demarcação	10	9	9	12	10	15	13	10
Paraguai	44	16	37	13	24	13	18	5
Fazendas	4	6	5	2	4	2	2	1
Outros estados (PR, RO, SP, AM, MT)	6	2	1	-	6	1	3	2
Usinas	-	-	-	-	-	1	-	-
Argentina/Bolívia	-	-	-	-	1	-	-	-
Total	276	213	285	200	255	208	237	175

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Com relação ao tipo de local, as reservas de Amambai e Dourados são as que tiveram maiores frequências, como dito anteriormente. As TIs recentes ou em demarcação, que mais aparecem, são Guyra Roka, Takuara, Jarara, Guaimbé e Rancho Jacaré. No Paraguai, a aldeia em destaque é Piray. As cidades que mais aparecem são Juti e Navirai. Juti, provavelmente, porque os Kaiowá do Jarara ficaram muito tempo vivendo na periferia da cidade, e Navirai, possivelmente, tem relação com o trabalho na usina desta cidade. Os locais tradicionais que, na época, eram propriedades particulares ou fazendas e que têm mais ocorrências são: Javorai, São Lucas e Campanário.

Apresentamos, a seguir, dois exemplos de trajetórias, para visualizarmos alguns detalhes interessantes. Na trajetória da entrevistada A (Quadro 1), chama atenção o percurso feito de ida e volta para estar com parentes e para ir trabalhar. Nos lugares por onde ela se deslocou, Te'ýikue aparece várias vezes. Com certeza houve mais momentos de volta para casa, mas que, por ter sido limitado o tempo de permanência dos deslocamentos espaciais em três meses, não foi possível captá-los. Mas, na trajetória do entrevistado B (Quadro 2), não se levou em conta, em alguns momentos, o tempo mínimo de três meses de permanência no local para ser considerado como deslocamento, conforme tomadas de decisões, mencionadas anteriormente, do entrevistador. Além disso, aparece a ida para casa em dois momentos: um de uma semana e outro de dois meses de tempo de permanência no local. Destacamos esses dois casos também pelo número de trajetórias dos entrevistados A e B: o primeiro apresenta 14 eventos e o segundo 16.

Outro fato que chama a atenção no relato da entrevistada A é o deslocamento para as fazendas da região para trabalhar: inicialmente com o esposo e, depois de ter filhos, sempre com eles também. Nos relatos do entrevistado B, o que se destaca é o início de sua trajetória: desde criança, para acompanhar os pais que iam trabalhar na erva mate, pois na época era muito comum essa atividade.

A pergunta "com quem andou?" durante as trajetórias indica também elementos do ciclo de vida da pessoa, como o casamento do entrevistado, evento a partir do qual que se movem. No caso do entrevistado B, inicialmente o deslocamento foi feito com os pais, depois sozinho, em seguida com a esposa e, na sequência, com a família, sinalizando a presença de filhos.

Nesses deslocamentos espaciais, foi possível observar a dinâmica da *changa*, atividade braçal temporária muito comum entre os Kaiowá e Guaraní, verificada, principalmente, até a década de 1980, em que o indígena saía do lugar de residência para ir trabalhar numa região próxima, por períodos curtos de três a quatro meses e retornava para casa, fazia sua roça e voltava para outra *changa*. Como foi estabelecido na pesquisa que seria mapeado um período mínimo de três meses de duração dos deslocamentos espaciais, em algumas situações não aparece sinalizado no banco de dados o retorno à casa, pois a volta ocorria muitas vezes em um período inferior a três meses (uma semana, 15 dias, um mês, dois meses).

Quadro 1 – Entrevistada A, Kaiowá, viúva, 43 anos (1966), de Te'ýikue (Caarapó, MS), residente em Jakaira

N. de trajetórias	Nome dos lugares (aldeia/estado/país)	Por que você foi para esse lugar?	Com quem foi?	Quando foi? (em ano ou idade)	Por quanto tempo? (em anos ou meses)
1	Fazenda Paketa (Laguna Carapã, MS, BR)	trabalhar	esposo	18 anos (1984)	6 meses
2	Faz. Tramontina (Ponta Porã, MS, BR)	trabalhar	esposo	18 anos (1984)	3 meses
3	Faz. 3 de Março (Navirai, MS, BR)	trabalhar	família	18 anos (1984)	4 meses
4	Faz. Taruma (Juti, MS, BR)	trabalhar	família	19 anos (1985)	9 meses
5	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	estar perto dos parentes	família	19 anos (1985)	6 meses
6	Faz. Terezinha (Caarapó, MS, BR)	trabalhar	família	20 anos (1986)	3 meses
7	Faz. Usiladora (Itaquirai, MS, BR)	trabalhar	família	20 anos (1986)	7 meses
8	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	volta de muito trabalho	família	21 anos (1987)	3 meses
9	Faz. Progresso (Caarapó, MS, BR)	trabalhar	família	21 anos (1987)	8 meses
10	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	volta do trabalho	família	21 anos (1987)	3 meses
11	Limão Verde (Amambai, MS, BR)	morar	família	22 anos (1988)	4 meses
12	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	morar	família	22 anos (1988)	7 meses
13	Takuapiry (Coronel Sapucaia, MS, BR)	morar	família	23 anos (1988)	9 anos
14	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	morar	família	32 anos (1995)	até hoje

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Quadro 2 – Entrevistado B, Kaiowá, viúvo, 99 anos (1910), de Campanário (Caarapó, MS), residente em Ñandejára

N. de trajetórias	Nome dos lugares (aldeia/estado/país)	Por que foi para esse lugar?	Com quem foi?	Quando foi? (em anos ou idade)	Por quanto tempo? (em anos ou meses)
1	Tajy (Ponta Porã, MS, BR)	trabalhar na erva mate	pais	7 anos (1917)	3 anos
2	Amambai (Amambai, MS, BR)	morar	pais	10 anos (1920)	3 anos
3	Paraná (BR)*	trabalhar	sozinho	15 anos (1925)	3 meses
4	Ñakyrãý (Takuru, MS, BR)	trabalhar	sozinho	15 anos (1925)	4 meses
5	Amambai (Amambai, MS, BR)	voltar para casa	sozinho	15 anos (1925)	1 semana
6	Ñakyrãý (Takuru, MS, BR)	trabalhar	sozinho	15 anos (1925)	3 meses
7	Rancho Tyjuru, Cerrito (Eldorado, MS, BR)	trabalhar	sozinho	16 anos (1926)	1 ano
8	Ypytã, Limão Verde (Amambai, MS, BR)	trabalhar na erva mate	sozinho	17 anos (1927)	3 meses
9	Porto Tajy, Sassoro (Tacuru, MS, BR)	trabalhar na erva mate	sozinho	17 anos (1927)	8 meses
10	Rancho Seyro/Cedro (Paraguai)	trabalhar na erva mate	sozinho	18 anos (1928)	1 ano
11	Salamanca (fronteira com Paraguai)	trabalhar	sozinho	18 anos (1928)	3 meses
12	Faz. Teixeira (Lagunita, Laguna Carapã, MS, BR)	passeio	esposa	18 anos (1928)	5 meses
13	Faz. Tiburcio Bezino (Lagunita Laguna Carapã, MS, BR)	trabalhar	esposa e filhos	18 anos (1928)	4 meses
14	Paso ka'u (Aral Moreira, MS, BR)	trabalhar	esposa	19 anos (1929)	9 anos
15	Fazenda Rincom (Laguna Carapã, MS, BR)	trabalhar na erva mate	esposa	28 anos (1938)	8 meses
16	Te'ýikue (Caarapó, MS, BR)	morar	família	28 anos (1938)	até hoje

* Não apareceu o nome da aldeia na entrevista.

Fonte: elaborado pelas autoras com base no projeto de pesquisa Mobilidade Espacial Guarani e Kaiowá, 2009.

Considerações finais

Os principais resultados que obtivemos neste estudo são as diversas características que envolvem a dinâmica migratória entre os Guarani e Kaiowá. A primeira é a circularidade da mobilidade espacial guarani, ou seja, acontece em etapas, daí a importância de se investigarem histórias e biografias migratórias.

A segunda característica observada são as migrações forçadas, tratadas pelos Guarani e Kaiowá como *Ñemosarambipa* (grande esparramo). A terceira é conhecida como *Ojeguata porã* (bela caminhada).

Além disso, compreendemos que os Guarani se movem em grupos, com parentes, em decorrência de fatos que tradicionalmente ocorrem nas aldeias: brigas, casamentos, visitas de parentes etc. E, por último, os Guarani se movem como jovens indivíduos que saem para estudar ou para trabalhar.

Os tipos de mobilidade espacial analisados, conforme os exemplos apresentados anteriormente, têm impacto direto na implementação dos direitos dos povos Guarani relativos à documentação, educação escolar, terra e saúde. Em relação à educação, por exemplo, constata-se que muitas crianças chegam a Caarapó e solicitam o ingresso na escola, porém não trazem os papéis de transferência ou não têm documentação necessária. A escola Ñandejára Polo tem o mérito de aceitar esses alunos; posteriormente tentam resolver, junto com as famílias, a situação dos documentos. Mas a dificuldade administrativa e burocrática permanece, fazendo com que muitas crianças fiquem fora da escola, infringindo os direitos fundamentais dos Guarani.

Observa-se que os alunos e suas famílias não têm condições nem habilidades para conseguir superar esses problemas. Inversamente, se a família se muda para outra unidade da federação, vai para o Paraguai ou vem deste país, a situação se agrava mais ainda, por causa da falta de documentação e da incompatibilidade entre os sistemas de ensino. Esse fato, em si, talvez não constituísse um problema, porque os jovens poderiam se adaptar, mas as equipes das escolas e da administração escolar, em geral, utilizam esse argumento para dificultar a matrícula de alunos novos, principalmente fora do calendário letivo.

Na área de saúde há, principalmente, dois tipos de dificuldades: uma é a situação de pessoas em trânsito, que não constam nos cadastros da Fundação Nacional de Saúde/ Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (Funasa/ Siasi) e, por isso, muitas vezes não conseguem receber tratamento por não constarem no cadastro naquele polo-base onde estão residindo no momento. Nesses casos, o histórico de saúde não é conhecido pelas equipes de saúde, o que dificulta enormemente o diagnóstico e o tratamento de qualquer enfermidade. Outra situação diz respeito às famílias que chegam a Caarapó e demoram para conseguir a documentação pessoal e, quando precisam de serviços de saúde, não são atendidos,

pois os postos de atendimento, pronto-socorro e os polos-base não atendem aqueles que não apresentam o registro de nascimento.

A questão da demarcação das terras para os Guarani e Kaiowá, nos últimos 15 anos pelo menos, permanece como um problema e já foi tratado em inúmeros documentos oficiais e não oficiais. A mobilidade espacial voluntária das famílias fica prejudicada, seja pelo clima de violência que continua, seja pelo enorme preconceito que vem aumentando, em decorrência da deterioração cada vez maior das relações interétnicas entre os indígenas e os não indígenas das cidades vizinhas. As migrações forçadas e os acampamentos de beira de estrada também estão crescendo em número e em violência. Todos esses fatos caracterizam uma situação de desrespeito aos direitos humanos e aos direitos específicos dos povos indígenas.

Nota

- ¹ *Tekoha* equivale à terra indígena. Em guarani, *Teko* é “vida”, “modo de ser”, “cultura”, e *ha* significa espaço. *Tekoha*, portanto, significa lugar em que o modo de ser é viável ou possível, e *tekoha guasu* envolve mais de um *tekoha* em que se estabelecem relações.

Referências

- BATISTA, E. Fazendo pesquisa com meu povo. *Tellus*, 6 (10): 139-142, 2006.
- BENITES, E. *Oguata Pyahu (Uma Nova Caminhada): o processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'ýikue*, 2014. Dissertação de Mestrado, Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco.
- BRAND, A. J. *O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra*, 1997. Tese de Doutorado, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- COLMAN, R. S. *Guarani Retã e Mobilidade Espacial Guarani: belas caminhadas e processos de expulsão no território guarani*, 2015. Tese de Doutorado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- COLMAN, R. S. *et al.* Mobilidade espacial Guarani e Kaiowá. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVII, 2010. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010>. Acesso em: 8 mar. 2012.
- DEL POPOLO, F. & RIBOTTA, B. Migración de jóvenes indígenas en América Latina. In: DEL POPOLO, F. *et al.* (Orgs.). *Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina: dinámicas poblacionales diversas y desafíos comunes*. Rio de Janeiro: Alap, 2011.

- ECHEVERRI, H. M. *La Población Indígena y las Ciudades*. Organización Indígena de Colombia (ONIC), 2012. Disponível em: <<http://observatorioetnicocecoin.org.co>>. Acesso em: 11 set. 2014.
- EQUIPE MAPA GUARANI CONTINENTAL (EMGC). *Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai*. Campo Grande, MS. Cimi, 2016. Disponível em: <www.guarani.roguata.com/content/mapa-guarani-continental-2016>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- ESTANISLAU, B. R. *A Eterna Volta: migração indígena e Pankararu no Brasil*, 2014. Dissertação de Mestrado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- INSTITUTO INTERAMERICANO DE DERECHOS HUMANOS (IIDH). *Migraciones Indígenas en las Américas*. San José: IIDH, 2007.
- MELIÀ, B. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In: EMIRI, L. & MONSERRAT, R. (Orgs.). *A Conquista da Escrita: encontros de educação indígena Opan*. São Paulo: Iluminuras, Opan, 1989.
- PEREIRA, L. M. Mobilidade e processos de territorialização entre os Kaiowá atuais. *Revista História em Reflexão*, 1(1): 1-33, 2007. Disponível em: <ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/490/360>. Acesso em: 28 jan. 2013.
- PISSOLATO, E. *A Duração da Pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbya (Guarani)*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.